

Sebastião Elan dos Santos Lima¹

Ana Paula de Souto²

Ana Sara de Sousa Silva³

Isabela Pereira de Araújo Dantas⁴

RESUMO

Objetiva-se analisar a vivência das perdas simbólicas na maternidade, compreendidas como um luto não reconhecido, a partir da obra cinematográfica “Como Seria Se...?” (2022). Para tanto, foi realizada uma análise comparativa entre o longa-metragem e o referencial teórico do campo da Psicologia, com o intuito de identificar semelhanças entre os achados de cunho científico e o que foi representado na ficção. Observa-se a presença de perdas simbólicas relacionadas à reestruturação da identidade e à importância da rede de apoio para lidar com o luto decorrente das inúmeras mudanças vivenciadas no ciclo gravídico-puerperal. Além disso, outro aspecto identificado na comparação refere-se às escolhas e renúncias que emergem no contexto da maternidade, tais como: voltar a morar com os pais, dar uma pausa na carreira dos sonhos e não entrar em um relacionamento amoroso.

Palavras-chave: Maternidade, luto, psicologia, filme cinematográfico.

THE SYMBOLIC LOSSES IN BECOMING A MOTHER: A filmic analysis of an unrecognized grief

ABSTRACT

The present work intends to analyze the experience of symbolic losses in motherhood, understood as an unrecognized mourning, from the cinematographic work “Look Both Ways” (2022). Therefore, a comparative analysis was carried out between the feature film and the theoretical framework of the field of Psychology, in order to identify similarities between the scientific findings and what was represented in fiction. It is observed the presence of symbolic losses related to the restructuring of the identity and the importance of the support network to deal with the mourning resulting from the numerous changes experienced in the pregnancy-puerperal cycle. In addition, another aspect identified in the movie and in the literature refers to the choices and renunciations that emerge in the context of motherhood, such as: going back to live with their parents, taking a break from their dream career and not entering into a romantic relationship.

Keywords: Maternity, bereavement, psychology, motion picture.

INTRODUÇÃO

A gravidez é compreendida como um período de transição existencial, que sugere um processo dinâmico de transformações na vida da mulher, permeado por diversas alterações biológicas, psicológicas e sociais (Maldonado, 2002). Nesse sentido, “tornar-se mãe é um fenômeno sociocultural de grande

1 Professor do Magistério Superior na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FACISA-UFRN) Psicólogo da saúde e hospitalar com graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO (2014). Especialista com Residência em Terapia Intensiva Neonatal pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em psicologia (linha práticas clínicas e saúde) pelo Programa de Pós graduação em Psicologia da UFRN. Tem experiência na área de gestação de alto risco, intensivismo neonatal, maternidade prematura, luto materno, paternidade, cuidados e necessidades em UTI, apoio social e Psiconefrologia.

2 Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

3 Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

4 Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

complexidade" (Lima, 2020, p. 23), configurando-se como um fenômeno muito intenso (Silva; Silva, 2009), pois, de acordo com Maldonado (2017), a mulher está vivenciando uma experiência que ocasiona um turbilhão de emoções e que é muito valorativa para o ciclo vital, no qual ela atinge uma nova fase de maturidade, integração e desenvolvimento da personalidade.

As crises e conflitos internos se fazem presentes no período gestacional, trazendo à tona muitas vulnerabilidades e angústias. De acordo com Silva (2020), toda gestação é uma experiência única, visto que o contexto em que a grávida está inserida e as privações sofridas vão influenciar diretamente na vivência desse ciclo.

Socialmente, a gestação é compreendida como uma condição feminina, na qual a mulher já nasce preparada para a maternidade. Essas explicações biológicas e naturalizantes estão sendo colocadas em debate atualmente, sendo necessárias reflexões que dialoguem acerca da construção social dos papéis de gênero em que as mulheres têm como principal função cuidar dos filhos e do lar, ao mesmo tempo em que são cobradas para investirem em uma carreira profissional (Barbosa; Rocha, 2007).

Assim, a gestação e a maternidade assumem um papel social que é romantizado, representando plenitude e a realização da feminilidade (Dias; Mendes; Gomes, 2020). Entretanto, Badinter (1985) contesta a visão romântica de que todas as mulheres possuem um instinto materno natural que as impulsiona a amar e cuidar de seus filhos de forma incondicional.

A autora supracitada defende que a maternidade tem sido moldada e sofre influência de diferentes concepções culturais, históricas, econômicas, religiosas, etc., e que o ideal do amor materno como algo inato não é universal e nem imutável. Essa perspectiva desafia a visão essencialista do amor materno e abre espaço para questionamentos sobre as expectativas impostas às mulheres em relação à maternidade (Badinter, 1985).

Somado a isso, Lima (2020) destaca que a maternidade é acompanhada de sentimentos de felicidade e satisfação, além de momentos de angústia e preocupação. Tais momentos podem estar relacionados com a mudança de papéis sociais que a mulher vivencia, pois, concomitante a transição necessária para assumir o papel de mãe, é preciso realizar um reajustamento da sua identidade, conforme descrito por Maldonado (2002) e Cantilino *et al.*, (2010).

Em concordância com os autores mencionados, Lopes, Prochnow e Piccinini (2010), ao realizarem um estudo com mães primíparas, abordam que o nascimento de um filho é um momento que traz riscos de crise e desequilíbrios, visto que a mulher, especialmente no primeiro parto, precisa reorganizar muitas coisas em sua vida, pois ela deixa de ser somente filha para tornar-se, também, mãe.

Compreende-se que a vida da mulher antes da gestação apresenta divergência com o processo de adaptação diante da maternidade, o que pode fomentar um processo de luto. Nessa perspectiva, e em relação ao ciclo gravídico-puerperal, Valente e Lopes (2008) e Lopes, Prochnow e Piccinini (2010) trazem o luto da própria identidade, do corpo mudado pela gestação e da separação mãe/bebê como algumas das perdas simbólicas que as mães podem enfrentar durante o puerpério.

A respeito disso, Ribeiro *et al.*, (2022) reconhece perdas simbólicas como uma ocasião "em que se perde uma realidade organizada para viver o desconhecido" (p. 30603), apontando, ainda, o nascimento de um filho, entre outras coisas, como um exemplo do conceito em questão. Ademais, os autores ressaltam que o luto gerado por essas perdas não é comumente validado e, portanto, elas podem ser denominadas de luto não reconhecido.

No que se refere ao luto, ainda que ele seja frequentemente associado com a morte ou a perda de

algum ente querido, Parkes (1998) entende o luto como um processo de transição psicossocial, o qual é vivenciado quando há uma mudança, um ciclo que se encerra e outro que inicia. Dessa forma, o luto está relacionado com uma transformação, em outras palavras, situações em que é necessário adaptar-se a algo novo, sejam estas boas ou ruins. Logo, é um processo de readaptação que afeta diferentes dimensões da vida (Ribeiro *et al.*, 2022). Para que ocorra uma boa adaptação, Pereira e Pires (2018) reconhecem a importância da boa elaboração do luto, possibilitando que o enlutado consiga reorganizar sua vida e seguir novos rumos.

Diante do exposto, objetiva-se discutir a experiência do luto não reconhecido no tornar-se mãe, com enfoque nas perdas simbólicas. Para tanto, foi feita uma análise comparativa entre os referenciais teóricos da psicologia com ênfase nas produções científicas da psicologia perinatal e da parentalidade e a vivência do luto da personagem principal do filme “Como Seria Se...?” (*Look Both Ways*), lançado em 2022. Dirigido por Wanuri Kahiu, conhecida principalmente por *From a Whisper* (2008), *Pumzi* (2009) e *Rafiki* (2018), e roteirizado por April Prosser, o longa-metragem foi escolhido considerando a significativa relevância na abordagem das mudanças provocadas pela gravidez, das transformações e perdas simbólicas retratadas de forma clara ao longo da trama, que pode ser apropriadamente articulada com a discussão teórica.

A metodologia adotada se concentrou em torno dos seguintes elementos-chave: narrativa, personagens e tema, explorando suas relações com a teoria. A coleta de dados se deu por meio da visualização do filme na plataforma de streaming Netflix, mediante assinatura, com anotações e identificação de trechos específicos para análise. Nesse sentido, realizou-se uma primeira visualização atentando-se aos elementos cinematográficos e narrativos, para pesquisar referenciais teóricos relevantes, acessados via bibliotecas virtuais (como o Scielo), periódicos, repositórios institucionais e revistas universitárias. Além disso, algumas obras de Elisabeth Badinter (1985), Colin Murray Parkes (1998) e Maria Tereza Maldonado (2002, 2007) foram consultadas para melhor fundamentar o artigo.

Posteriormente, na segunda visualização do filme, foi possível aplicar as lentes teóricas adquiridas durante a pesquisa e fazer anotações para a análise comparativa, identificando pontos de conexão e contraste entre o filme e os materiais encontrados. Por fim, realizou-se a interpretação dos dados coletados à luz dos referenciais teóricos selecionados.

No que diz respeito ao seu enredo, a obra conta a história da personagem Natalie Bennett (interpretada por Lili Reinhart), uma mulher organizada que deposita grandes expectativas em seu futuro, delineando um plano de cinco anos no qual ela teria alcançado o nível de sucesso desejado em sua carreira como ilustradora.

O longa-metragem se divide em duas narrativas após uma suspeita de gravidez: uma em que a protagonista está grávida e outra em que ela não está. Para este artigo, será considerada a narrativa em que a personagem engravida e decide ter o bebê, visto que o foco da discussão é o tornar-se mãe e as suas perdas simbólicas, o que não é retratado na outra realidade.

É importante contextualizar, contudo, que ambas as realidades retratadas na obra apresentam dificuldades na vida da protagonista. No cenário em que ela não está grávida, por exemplo, apesar de ir para Los Angeles conforme havia planejado e conseguir uma vaga como assistente de uma ilustradora renomada, ela precisa modificar seu plano de cinco anos devido às limitações em seu desempenho profissional.

De forma análoga, são apresentados diferentes desafios na realidade em que ela tem uma filha e se frustra por adiar o seu plano de cinco anos. Entretanto, algo importante retratado no filme, é como se dá o desfecho da trama, em que Natalie obtém êxito tanto profissional quanto pessoal nas duas realidades propostas, mesmo tendo desviado do plano inicial.

AS TRANSFORMAÇÕES PSICOSSOCIAIS NO TORNAR-SE MÃE

Primeiramente, é importante apontar algumas características da protagonista e do enredo da obra que irão auxiliar no processo da análise que será realizada.

A protagonista, Natalie Bennett, é uma mulher estadunidense branca que reside no estado do Texas desde que nasceu, conforme indicado no filme. Embora não seja mencionado explicitamente, é possível inferir que seus pais possuem boas condições financeiras devido à estrutura robusta da casa em que residem.

Além desses aspectos, convém destacar que Natalie é uma pessoa organizada que construiu um plano de cinco anos visando alcançar os objetivos desejados na carreira de sua escolha, entretanto, ao se relacionar sexualmente com um de seus amigos, Gabe (interpretado por Danny Ramirez), depara-se com a possibilidade de estar grávida.

Ao confirmar sua gravidez (na realidade que será abordada neste artigo), a personagem precisa, antes de mais nada, decidir se terá o bebê ou não, uma vez que tornar-se mãe não estava entre seus planos. Contudo, Natalie opta por dar continuidade à gravidez, gerando uma criança saudável. No que diz respeito à escolha de Natalie, o filme não mostra nem explica quais aspectos foram considerados para tomar essa decisão, e também não foi discutido de forma explícita outras opções, tais como aborto e adoção. A protagonista apenas afirma em uma conversa com sua melhor amiga, Cara (interpretada por Aisha Dee), que sente que ter o bebê é algo que ela “tem que fazer”.

Após a sua escolha, Natalie reestrutura a vida que havia planejado, desistindo de ir para Los Angeles com Cara e voltando a morar na casa dos pais, Rick e Tina (interpretados por Luke Wilson e Andrea Savage, respectivamente). Dessa forma, ela decide dar uma pausa na sua carreira como ilustradora, ainda que afirmasse que não desistiria do seu sonho por conta da maternidade.

Inicialmente, sua família se mostra insatisfeita frente a situação atual da filha e, por esse motivo, não oferece muito apoio para além do material. Percebe-se que a maternidade de Natalie também representa renúncias para seus pais, que precisam desfazer-se dos seus planos construídos para quando a filha fosse para Los Angeles, como sua viagem para Barcelona.

A personagem principal explica para Gabe que não se sente pronta para um relacionamento, e nem parece nutrir sentimentos românticos em relação a ele, pai de sua filha. Independentemente de uma relação romântica, Gabe se faz presente e demonstra suporte à Natalie, como pode ser identificado em uma de suas falas: “Mas apoio a sua decisão. Eu apoio você. [...] É sério” (“Como Seria Se...?”, 2022). Dessa forma, o pai da criança e os pais de Natalie fazem parte de sua rede de apoio.

A rede de apoio pode ser compreendida como parte da rede social, composta pelas pessoas com as quais o indivíduo mantém contato ou alguma forma de vínculo, ainda que não haja garantia de que ele será apoiado em todas as situações que precisar (Griep *et al.*, 2005). Nesse sentido, entende-se que a rede de apoio é um grupo que fornece ajuda e apoio necessários ao indivíduo, e que por meio dela pode-se sentir/perceber o apoio/suporte, definido como uma série de informações que os levam a acreditar ser amado, cuidado, valorizado e estimado (Cobb, 1976).

Cobb (1976) aponta que o apoio social manifesta-se como um importante agente protetor para o sujeito em situação de estresse, concordando com Zanatta, Pereira e Alves (2017) e Ribeiro *et al.*, (2022). Atentando-se a isso, o filme destaca a presença do apoio social desde o princípio, inicialmente pelo pai da bebê, que desde a notícia da gravidez amparou e validou os sentimentos de Natalie, se fazendo presente

em todo o ciclo gravídico-puerperal, enquanto os pais auxiliaram a filha principalmente a partir da cena do parto, prestando suporte emocional, financeiro e no cuidado com a criança.

Pensando na importância da rede de apoio, ao entender que a gestação é um período muito intenso, marcado por mudanças físicas e psíquicas, e, que gerar um filho é uma experiência com grandes repercussões na vida da mulher (Silva; Silva, 2009), o longa-metragem retrata esses aspectos em uma ligação de Natalie e Cara, em que a protagonista revela estar “para baixo” após ter vomitado o dia todo. A situação parece provocar um sentimento de tristeza na personagem, que pede para encerrar a chamada com o intuito de chorar sozinha.

Apesar de serem processos biológicos próprios da gestação, observou-se que a cena descrita anteriormente é uma das únicas em que as mudanças físicas ocorridas no corpo da mulher são retratadas. Ademais, é um dos únicos momentos em que Natalie parece demonstrar algum tipo de desconforto com tais aspectos. Nesse sentido, é possível inferir que o filme fez a escolha de focar em outras temáticas relacionadas com o tornar-se mãe, como as transformações psicossociais.

Além disso, há um sentimento ambíguo: por mais que exista alegria em ser mãe, esse momento é permeado de preocupações e dúvidas sobre a maternidade (Zanatta; Pereira; Alves, 2017), que podem ser visualizadas na cena em que a protagonista está iniciando o trabalho de parto e conversando com Gabe: “Eu tô com medo. Eu tô com muito medo. A gente vai estragar tudo. A gente vai fazer besteira” (“Como Seria Se...?”, 2022).

De acordo com Sarmiento e Setúbal (2012), essa ambivalência envolve o desejo de estar grávida ou não, devido às diversas transformações que acompanham essa fase. Valente e Lopes (2008) ressaltam, ainda, que nenhuma gestação “é totalmente aceita ou rejeitada, ela faz parte de um processo de mudanças e adequações, de desejos contraditórios que implicam uma escolha e uma renúncia” (p. 3). A partir disso, se observa uma relação entre os conceitos mobilizados e o longa-metragem, visto que o próprio roteiro expressa o sentido ambivalente do período gestacional.

No filme, ao descobrir estar grávida e prosseguir com a gestação, Natalie faz uma escolha e, simultaneamente, uma renúncia, tanto da sua antiga vida, como da que poderia ter, caso não estivesse esperando um filho. Isso é ilustrado pela cena em que ela explica para seus pais a decisão de voltar para a casa deles e dar uma pausa na carreira ao desistir de ir para Los Angeles: “Eu ainda tô tentando entender tudo isso. Eu tô tentando tomar a melhor decisão pro futuro” (“Como Seria Se...?”, 2022).

As ações da protagonista corroboram com Zanatta, Pereira e Alves (2017), que destacam a importância da rede de apoio como um recurso significativo para lidar com a nova situação de tornar-se mãe ou pai. Essa nova situação envolve, entre outras coisas, a necessidade de reorganizar não somente a identidade, como também o presente e as relações sociais dentro e fora do ciclo familiar (Valente; Lopes, 2008; Sarmiento; Setúbal, 2012; Lima, 2020).

Quando Natalie decide tornar-se mãe, o longa-metragem não explora as relações da protagonista com outras pessoas para além de seus pais, sua filha, Gabe e Cara. Percebe-se, assim, que as relações sociais da personagem encontram-se, principalmente, dentro de sua casa e de seu ciclo familiar, com a principal exceção sendo sua melhor amiga. No entanto, quando Cara se mudou para Los Angeles conforme o planejado, as duas se afastaram inevitavelmente devido à distância, se comunicando, principalmente, pelo celular e não se encontrando pessoalmente com muita frequência. Essa mudança na dinâmica e nos estilos de vida das amigas é abordada algumas vezes durante a obra.

Alguns ajustes intrapsíquicos ocorrem com a personagem principal, o que é percebido quando ela

expressa a sensação de estar vivendo uma vida que não é sua, como se estivesse perdendo algo, com a impressão de que, agora, ela tem uma única função que é ser mãe: “Parece que eu não tenho mais vida própria. Porque eu não desenho. Eu não vejo os meus amigos. Não faço nada... eu sinto que sou só isso” (“Como Seria Se...?”, 2022).

Tais sentimentos são muito comuns no ciclo gravídico-puerperal, no qual Valente e Lopes (2008) ressaltam que, apesar de ser uma fase semelhante entre a maioria das mulheres, ela pode ser vivenciada de forma individualizada devido a vários fatores que se relacionam a esse processo, como, por exemplo, se a gravidez foi planejada ou não.

Este aspecto também é observado no filme, já que Natalie é uma mulher com um “roteiro programado” para sua vida por pelo menos cinco anos, no entanto, a gravidez não-planejada configurou-se como uma interferência na sua trajetória. No início do longa, ela reflete sobre seu sentimento em relação aos planos a longo prazo, citando Benjamin Franklin: “Quem falha no planejamento, planeja falhar” (“Como Seria Se...?”, 2022).

Contudo, nas cenas seguintes, a protagonista descobre estar grávida e alguns de seus objetivos mudam em função disso. Gerar um filho, nesse período da vida, provocou uma quebra no seu planejamento, que pode ser entendida como uma perda simbólica.

Conforme Pereira e Pires (2018), as perdas são consideradas “pequenas mortes” nas quais há uma desestruturação na realidade conhecida, o que significa que será necessária uma elaboração diante do desconhecido. Para Ribeiro *et al.*, (2022), as perdas simbólicas são uma expressão do luto não reconhecido, dado que a sociedade nem sempre valida as perdas que não estão relacionadas com mortes, ou seja, nesse contexto há perda de todo um ideal, expectativa e planejamento de vida, muitas vezes, não compreendida como uma perda concreta.

Nesse sentido, destaca-se a ocorrência do luto patológico, complicado ou não adaptado, que pode acontecer caso o luto não seja bem elaborado (Ribeiro *et al.*, 2022). Como fatores que potencializam uma má elaboração e, possivelmente, o luto patológico, destaca-se a não vivência da perda por parte do enlutado, seja quando ele mesmo se impede de viver a perda, ou quando outra pessoa o inibe (Ribeiro *et al.*, 2022).

No que diz respeito às respostas emocionais à perda, elas são semelhantes no luto patológico e no luto saudável: tristeza, desesperança, raiva, hostilidade, ansiedade e solidão. A principal diferença, assim, torna-se o adoecimento e os diversos prejuízos causados em várias dimensões da vida quando há o luto patológico. É importante mencionar, ainda, alguns aspectos que influenciam na elaboração do processo de luto, como a idade e o gênero do enlutado, a experiência com perdas anteriores e a rede de apoio (Ribeiro *et al.*, 2022). Logo, o processo de luto é único para cada pessoa e pode ser vivenciado de maneiras diferentes ao longo da vida, dependendo das experiências individuais e das circunstâncias de perda enfrentadas (Simão, 2019).

Para Bousso (2011), o luto é a consequência de uma vivência de perdas advindas do término de um sonho, um plano ou uma relação que afete a vida do indivíduo, exatamente o que Natalie passa com a quebra do seu planejamento e a reviravolta que acontece em sua vida. Em um diálogo que se segue, a mãe da personagem principal, ao vê-la chorando, explica sobre o luto vivenciado pela mulher quando ela engravida:

Acontece uma coisa quando a gente engravida e ninguém fala sobre isso. Você fica de luto [...] pela pessoa que você era. Não importa o quanto você quer ser mãe, você nunca mais vai ser só de novo. É um processo muito longo de adaptação. Tá se despedindo de quem você sempre foi. Mas você tem o nosso apoio pra sempre. (“Como Seria Se...?”, 2022).

Diante dessa reflexão, a mãe da protagonista, que já passou por esse processo de enlutamento, valida os sentimentos de sua filha. A partir disso, o filme reforça a presença de uma importante rede de apoio que se mostra disponível para ajudar Natalie sempre que necessário, seja de forma material, emocional ou afetiva. Assim, visto que o apoio social é fundamental para a elaboração do luto saudável, é pertinente assumir que a protagonista consegue elaborar seu luto desta forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na gestação e na maternidade emergem novas situações e sentimentos, refletindo uma imensa transformação na vida da mulher e das pessoas ao seu redor, visto que muitas coisas mudam, especialmente para as mães primíparas: suas relações, responsabilidades, rotina e convívio. Assim, é previsível que o luto seja sentido pelas inúmeras transformações e perdas simbólicas sofridas.

As angústias e as perdas simbólicas na maternidade relacionam-se com um luto que pode ser experienciado de forma saudável ou não. Para tanto, faz-se necessário discutir sobre a importância de elaborar o luto, de conseguir expressar-se e vivenciar todos os sentimentos decorrentes do processo, ao entender que não é preciso sentir culpa nem reprimir as emoções, por ser algo esperado. Desse modo, cabe destacar a rede de apoio como um dos fatores de influência significativa na elaboração do luto.

Vale ressaltar, novamente, que a escolha do filme “Como Seria Se...?”, se deu pela construção da narrativa que se destaca entre outras obras por não romantizar o tornar-se mãe e evidenciar aspectos do luto não reconhecido na maternidade. Essa característica foi fundamental para relacionar o que foi observado na produção cinematográfica com os conceitos encontrados no referencial teórico da Psicologia, visto que a produção retrata, de forma clara, a decisão de ter um bebê não planejado, as consequências, o medo de não ter feito a escolha correta e o processo de luto. Ademais, o longa-metragem entende que não há uma escolha certa ou errada, dado que a personagem principal alcança o sucesso desejado na sua carreira, de formas diferentes, quando ela se torna mãe ou não.

Por fim, uma vez que muitas mulheres precisam lidar com o processo de perdas simbólicas presente na maternidade, é pertinente mencionar que é uma temática que precisa ser mais estudada e discutida dentro e fora do campo acadêmico, dada a sua importância e relevância para a sociedade. Dessa forma, justifica-se a elaboração deste material como um recurso que poderá ser utilizado para tratar sobre o luto não reconhecido no tornar-se mãe.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio De Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 1985. Acesso em: 16 de jun. de 2023.

BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. **Maternidade: novas possibilidades, antigas visões**. Psicologia Clínica, v. 19, n. 1, p. 163–185, 2007. Acesso em: 16 de jun. de 2023.

BOUSSO, Regina Szyllit. **La complejidad y la simplicidad de la experiencia del duelo**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 24, p. VII-VIII, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-21002011000300001>>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

CANTILINO, Amaury et al. **Transtornos psiquiátricos no pós-parto**. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo), v. 37, p. 288-294, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000600006>>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

COBB, S. **Social Support as a Moderator of Life Stress**. Psychosomatic Medicine, v. 38, n. 5, p. 300-314, 1976. Disponível em: <<https://doi.org/10.1097/00006842-197609000-00003>>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

COMO SERIA Se...? Direção: Wanuri Kahiu. Produção: Screen Arcade e Catchlight Studios. Estados Unidos: Netflix, 2022. (110min).

DIAS, Tamires Alves; MENDES, Stéffane Costa; GOMES, Samara Calixto. **Maternidade romantizada: expectativas e consequências do papel social esperado de mãe**. In: SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, XXIII, 2020.

GRIEP, R. H. et al. **Validade de constructo de escala de apoio social do Medical Outcomes Study adaptada para o português no Estudo Pró-Saúde**. Cadernos de Saúde Pública, v. 21, p. 703-714, 2005.

LIMA, Sebastião Elan dos Santos. **Maternidade prematura, apoio social e necessidades de mães de neonatos hospitalizados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal**. 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30238>>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

LOPES, Rita de Cássia Sobreira; PROCHNOW, Laura Pithan; PICCININI, Cesar Augusto. **A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade**. Psicologia em estudo, v. 15, p. 295-304, 2010.

MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da gravidez: gestando pessoas para uma sociedade melhor**. São Paulo: ideias & letras, 2017.

MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da gravidez: parto e puerpério**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

PARKES, Colin Murray. **Luto estudos sobre a perda na vida adulta**. Summus editorial, 1998.

PEREIRA, Silvana Maria; PIRES, Eliana Ferrante. **As experiências de perdas e luto na contemporaneidade: um estudo bibliográfico**. Revista Educação-UNG-Ser, v. 13, n. 1, p. 200-217, 2018.

RIBEIRO, Priscilla Keron Schultz et al. **Diferentes processos de luto e o luto não reconhecido: formas de elaboração e estratégias dentro da psicologia da saúde e da terapia cognitivo-comportamental**, v. 8, n. 4, p. 30599-30614, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.34117/bjdv8n4-508>>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

SARMENTO, Regina; SETÚBAL, Maria Silvia Vellutini. **Abordagem psicológica em obstetrícia: aspectos**

emocionais da gravidez, parto e puerpério. Revista de Ciências Médicas, v. 12, n. 3, 2003.

SILVA, Laura Johanson da; SILVA, Leila Rangel da. **Mudanças na vida e no corpo: vivências diante da gravidez na perspectiva afetiva dos pais.** Escola Anna Nery, v. 13, p. 393-401, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000200022>>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

SILVA, Vanessa de Alencar Nascimento da. **A maternidade e sua repercussão acerca dos aspectos psicológicos na vida das mulheres: uma revisão bibliográfica,** 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19699>>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

SIMÃO, Maria da Conceição Ferreira. **A compreensão da psicanálise na vivência do luto materno frente a perda do filho idealizado. Trabalho de Conclusão de Curssimo.** Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, 2019.

VALENTE, Thaysa Zubek; LOPES, Cléa Maria Ballão. **A perda simbólica e a perda real: o luto materno.** Universidade Estadual do Centro-Oeste–UNICENTRO.[on-line], 2008.

ZANATTA, Edinara; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato; ALVES, Amanda Pansard. **A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe.** Revista Pesquisas e práticas psicossociais, v. 12, n. 3, p. 16-16, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/2646>. Acesso em: 11 de out. de 2022.